

# O sertão brasileiro e o cenário mundial no jornalismo de Euclides da Cunha

Carlos Marcos Avighi  
Universidade de São Paulo

---

## RESUMO

---

Euclides da Cunha foi um jornalista sintonizado com o seu tempo. Não obstante sua obra privilegiasse as narrativas sobre o sertão brasileiro, onde ele identificava o cerne da nacionalidade, nem por isso descuidou do cenário internacional, principalmente daqueles fatos relacionados com a América Latina e os seus fortes sentimentos nacionalistas.

*Palavras chave:* Jornalismo; jornalismo opinativo; história do jornalismo.

---

---

## ABSTRACT

---

Euclides da Cunha was a journalist engaged in his time. Nevertheless he had given priority in his writings to the narratives on the Brazilian backlands, where he identified the soul of our nationality, he never neglected the international panorama, specially those stories related to Latin America and their deep nationalisms.

*Key Words :* Journalism; opinion journalism; journalism history.

---

---

## RESUMEN

---

Euclides da Cunha fue un periodista vinculado a su tiempo. Aunque diera más atención en sus artículos a las cuestiones del interior brasileño, pues allí reconocía las raíces de nuestra nacionalidad, él nunca olvidó el escenario internacional, principalmente los hechos sobre Latinoamérica y sus entrañables nacionalismos.

*Palabras clave :* Periodismo; periodismo de opinión; historia del periodismo.

---

A preocupação central de Euclides da Cunha era identificar o fundamento da nacionalidade brasileira e, nesta, o elemento humano sobre o qual deveria repousar a cidadania da jovem República. No jornalismo, que exerceu por toda a vida,<sup>1</sup> o tema cresceu e se transformou de modo mais rico e complexo que no *Os Sertões*, livro que almeja a totalidade de interpretação e se pauta por doutrinas e conclusões de difícil correspondência com a realidade. Nas matérias jornalísticas, Euclides da Cunha viu no sertanejo o brasileiro capaz de consubstanciar a nação no plano interno, no momento de graves dificuldades estruturais e culturais para a implantação da República. O sertanejo estava presente em todas as regiões e a elas amalgamado, competente para realizar a integração nacional, desde que incorporado à nação. A unidade nacional era imperativo para a definição do Brasil no plano internacional naquelas décadas de exacerbação de nacionalismos e de reacomodação de potências expansionistas, muitas com a atenção voltada para a América Latina.

Os requisitos da consolidação interna e da configuração do país no concerto das nações repousavam na integração dos brasileiros dispersos por um território imenso e mal mapeado. As tropas que foram a Canudos não tinham um mapa da região. Tiveram de pedi-lo emprestado a Teodoro Sampaio, que anos antes construira uma estrada-de-ferro no interior da Bahia. Importantes trechos das fronteiras com países vizinhos eram virtualmente inexistentes. As fronteiras internas eram indefinidas, muitas continuaram falhas até a década de 1930. Euclides da Cunha apontou estas lacunas internas em algumas matérias jornalísticas, entre elas o “Fronteira Sul do Amazonas: Questão de Limites”<sup>2</sup> e o “Um Atlas do Brasil”<sup>3</sup>.

Espalhados pelo território desconhecido, muitos habitando as zonas sensíveis dos limites internacionais, brasileiros negligenciados pelo governo central precisavam ser integrados à nova ordem republicana. Canudos fora um brado de alerta. Os acontecimentos que culminaram com a criação do Acre foram outro aviso. Segundo Euclides da Cunha, o Brasil era formado por regiões “à margem da história”. O jornalista estava alerta sobre a definição nacional, que teria de transitar forçosamente pelo elemento humano catalizador, o sertanejo, visto como “a rocha viva de nossa nacionalidade”.

No início da militância jornalística, o jovem Euclides da Cunha acreditava ainda que os destinos da República se definiriam na Capital, pela burocracia e pela intelectualidade jacobinista do novo regime. Nas colunas “Da Penumbra” e “Dia-a-Dia”<sup>4</sup>, Euclides da Cunha não se remete ao sertanejo e mal disfarça a desconfiança pelo imigrante estrangeiro.

Nesta época, Euclides da Cunha muito se confundia com um publicista do governo de Floriano Peixoto. Na matéria de 17 de março no “Da Penumbra” chegou a defender a ação de um estado forte, pretendendo que a força seria instrumento da história. Imediatamente, porém, percebeu os equívocos. Não

<sup>1</sup> Sobre a obra e a carreira de Euclides da Cunha, ver AVIGHI.

<sup>2</sup> O Estado de São Paulo nov. 1898.

<sup>3</sup> Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, agosto de 1909.

<sup>4</sup> Ambas no O Estado de São Paulo. Na primeira participou com 3 matérias em março de 1892; na segunda com 29, até julho do mesmo ano. Revista do Livro, página 109ss.

fossem as referências bibliográficas, ainda assim seria fácil notar em seus textos o desconforto que sentia na defesa do governo. Afastou-se do jornalismo situacionista e negou-se a militar na ditadura de Floriano Peixoto. Em vão o marechal tentou cooptá-lo em troca de cargos públicos<sup>5</sup>. Euclides da Cunha ainda estava na carreira militar e o afastamento do poder valeu-lhe uma espécie de punição dois anos depois, sendo mandado para servir em Campanha, Minas Gerais.

Neste auxílio interno Euclides da Cunha retomou o interesse pelo interior do país. Tornou a escrever versos, entre os quais "As Catas", dedicado a Coelho Neto, no qual fala da "tristeza solene do sertão" e conclui "Fazem-me mal as multidões ruidosas/E eu procuro, nesta hora/Cidades que se ocultam majestosas/Na tristeza solene do sertão"<sup>6</sup>.

O mais importante é que, em Campanha, Euclides da Cunha dedicou-se a leituras e tomou duas decisões importantes: sair do exército e voltar-se ao estudo dos grandes temas da época. Descobriu, enfim que na Capital as promessas republicanas se resumiam à esterilidade das conversas e das intrigas ideológico-partidárias da "Rua do Ouvidor". Decepcionara-se, não com o regime, mas com o governo republicano, tal como ocorreu com Lopes Trovão e com Silva Jardim. Não seria das "populações mirradas do litoral" que emergiria a substância da nacionalidade. O cidadão urbano ignorava o Brasil e não tinha condições de compreender o país que ali estava a aguardar um exame. Euclides da Cunha diria, tempos depois, "o verdadeiro Brasil nos aterra"<sup>7</sup>.

\*

Nas regiões "à margem da história" Euclides da Cunha encontraria o brasileiro destinado a ser "o cerne da nacionalidade". Foi conduzido a este encontro a partir dos estudos que empreendeu sobre a situação objetiva da época e durante a vivência que teve no interior paulista após sair do exército. Numa época em que não se poderia subsistir com os rendimentos na imprensa, Euclides da Cunha - sem abandonar o jornalismo - teve de se empregar como engenheiro na Superintendência de Obras de São Paulo, cargo que lhe exigia freqüentes viagens pelo interior do Estado. Estas circunstâncias preparatórias foram precipitadas e completadas pela experiência na guerra de Canudos e no sertão amazônico. O título em plural do livro "Os Sertões" previa que a este estudo se seguiriam outros, de outros sertões, a começar pelo da Amazônia, sobre o qual Euclides da Cunha - tal como o fizera no primeiro - usaria reportagens e artigos para compor um livro<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> Em carta a Lucio de Mendonça, Euclides da Cunha relata a tentativa de troca de cargos públicos por apoio e finaliza: "basta dizer-lhe que estávamos em pleno despensar de governos estaduais" (Carta de 1904, sem dia ou mês, em VENÂNCIO FILHO).

Vide a percepção que Euclides da Cunha tinha de Floriano Peixoto no "O Marechal de Ferro" (publicado no OESP, 29.06.1904) e no "A Esfinge" (em CUNHA, *Contrastes e Confrontos*, e em COUTINHO). Neste último, note a semelhança entre a descrição que Euclides da Cunha fez da visita noturna de Floriano Peixoto a uma unidade militar durante a Revolta da Armada e a mesma cena escrita por Lima Barreto, em 1911, no *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

<sup>6</sup> Apud ANDRADE p.72.

<sup>7</sup> Plano de Uma Cruzada em CUNHA, *Contrastes e Confrontos*.

<sup>8</sup> Leandro Tocantins recuperou material inédito de Euclides da Cunha sobre a Amazônia.

Aos poucos o jornalismo de Euclides da Cunha formou a noção do sertanejo. Antes de ir para Canudos como repórter, escreveu sobre a guerra em dois artigos denominados “A Nossa Vendéia”<sup>9</sup>. No primeiro, o sertanejo aparece pouco e, quando aparece, é sob o aspecto exterior, epidérmico, folclórico, o vaqueiro com roupas típicas e assim por diante. Já no segundo artigo, começa a se fixar o perfil que o sertanejo viria a ter na concepção de Euclides da Cunha. De início, deixa de meramente estar num meio favorável e surge como um ser em comunhão perfeita com a natureza. Mais tarde, com a vivência direta do jornalista no sertão, a figura do sertanejo passa a compor atributos - é “inteligentíssimo e arduoso” (reportagem de Canudos, 19 de agosto), como ele “dificilmente se encontra uma espécie de igual robustez e energia indômita” (reportagem de Canudos, 1º de setembro). Finalmente, na Amazônia o último grande sertão visitado por Euclides da Cunha, o sertanejo é deparado com as limitações estruturais do país que poderiam comprometer sua própria existência. Inúmeras vezes o jornalismo amazônico de Euclides da Cunha assinala este abandono. A descrição lapidar está no Prefácio que escreveu para o *Inferno Verde* de Alberto Rangel: “Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem”<sup>10</sup>.

Não há neste perfil do sertanejo uma descrição ética ou afetiva, mas a consubstanciação da nacionalidade. Na reportagem de 1º de setembro, de Canudos, Euclides da Cunha escreveu “estes rudes patrícios que - digamos com segurança - constituem o cerne da nossa nacionalidade”. No artigo “Entre o Madeira e o Javari”<sup>11</sup>, sobre a Amazônia, afirma que “os admiráveis caboclos do norte” haveriam de absorver os estrangeiros que porventura ali penetrassem “e lhes impor nossa língua, os nossos usos e, ao cabo, nossos destinos, estabelecendo naquela dispersão de forças a componente dominante da nossa nacionalidade”. É a antropofagia, décadas depois decantada pelos modernistas.

Ao contrário do *Os Sertões*, onde a ênfase é sobre a raça, o jornalismo de Euclides da Cunha incide na nacionalidade. No mesmo artigo “Entre o Madeira e o Javari”, é nítido este deslocamento. Nele, refere-se à “seleção natural dos mais fortes”, mas altera radicalmente o conceito, transferindo-o do físico, do sanguíneo para o psicológico, o mental, para a disponibilidade perante a vida, remete à “vontade, pertinácia, destemor estóico”.

Na série de três artigos denominada “O Brasil Mental”<sup>12</sup>, precisou com mais atenção o que entendia por nacionalidade e o fez para reforçar o sertanejo como a “alma brasileira”. O teor da nacionalidade se exprimia por um conjunto de idéias filosóficas e correntes artísticas, um “complexo de idéias, firmando um modo de agir” e, assim, aparelhando o país para a convivência com a “civilização geral”, sobre a qual, por sua vez imprimiria “um traço de originalidade qualquer”. Insistia, porém no substrato demográfico. Admitia a diversidade brasileira, que torna a história do Brasil “incomparavelmente mais interessante”, mas na diversidade de tipos, somente reconhece o sertanejo como

<sup>9</sup> OESP, 14 de março e 17 de julho de 1897, ambos no Canudos Diário de Usa Expedição.

<sup>10</sup> O Prefácio está transcrito em COUTINHO.

<sup>11</sup> OESP, maio de 1904.

<sup>12</sup> OESP, julho de 1898. Após a publicação, esta matéria ficou ignorada até julho de 1958.

o de alcance nacional. Para ele a identidade é um fato da nação, a qual se sobrepõe a particularismos. A variedade reconhecida por Euclides da Cunha era provisória, estaria confluindo para uma unidade nacional em gestação. O país, dizia, tende para “um tipo histórico definido e naturalmente diverso de cada uma de suas partes isolada”.

Ele próprio se considerava um sertanejo. Em carta a Domício de Gama confessava uma “tristeza congenial de bugre” e noutra, para Francisco Escobar, alertava que “os meus pressentimentos de caboclo nunca me enganaram”<sup>13</sup>. Um dos biógrafos afirma que a avó de Euclides da Cunha possuía “feições acentuadamente índias” e relata que Silvio Romero, após conhecê-lo, teria dito a um amigo: “Mas é um cariri perfeito!”<sup>14</sup>.

No entanto, a origem indígena e a preocupação com os sertões não conseguiram de Euclides da Cunha uma só página sobre o índio. Lacuna ainda maior: o negro é o grande ausente da obra euclidiana. Para o escritor e o jornalista, o sertanejo é o fio condutor.

Para incorporar o sertanejo à nação era necessário suprimir as condições mentais em que vivia e prepará-lo para a identidade nacional. Na reportagem de 15 de agosto, de Canudos, escrevia que pelas mesmas estradas percorridas pelas forças governamentais, seguisse, depois da guerra, “um herói anônimo”, que seria “o verdadeiro vencedor” o mestre-escola”. O mesmo diria na reportagem de 1º de setembro: a vitória governamental não deveria ter caráter destruidor, mas o dever de, após a vitória, incorporar “a civilização estes rudes partrícios”.

\*

Acima, porém, de todas as considerações, o pensamento de Euclides da Cunha era norteado pela concepção geopolítica, muito em voga na época. Tratava-se, em suma, da definição interna para a definição externa. No artigo “Olhemos para os Sertões”<sup>15</sup>, dizia ter “duas preocupações supletivas uma da outra: a idéia política de defesa do território e o pensamento social de incorporar à nossa vida frágil e sem autonomia, de ribeirinhos do Atlântico, o cerne vigoroso das sociedades sertanejas”. Na perspectiva inclusiva, era preciso integrar, sob a égide do regime republicano, o interior ignorado da nação e divorciado do Estado. Sem isto não se realizaria a projeção externa, de situar o Brasil no concerto internacional marcado pela acomodação dos países expansionistas, processo que Euclides da Cunha estudou no seu jornalismo internacional.

O objetivo estava muito distante. Canudos pusera a nu duas realidades - uma, que a unidade propalada pela Monarquia não passava de modorra e indiferença; outra, que os governos republicanos não só eram incompetentes para promover a integração, mas mal conseguiram sufocar o levante conselheirista. Era possível outra rebelião no Nordeste e mais uma guerra civil no Sul. E ainda: Amazônia não estava livre de conflitos.

---

<sup>13</sup> Carta respectivamente de 16.12.1907 e de 22.08.1903, ambas em VENÂNCIO FILHO.

<sup>14</sup> ANDRADE, 15 e 25.

<sup>15</sup> OESP, 18-19 março de 1902.

Privado de unidade interna, o Estado nacional estaria virtualmente aberto a interesses externos. A Amazônia era uma área sensível devido à exploração da borracha. Nestas fronteiras incertas movimentavam-se populações de países vizinhos, atuavam grandes companhias estrangeiras e agiam forasteiros misteriosos. Na série de artigos “Peru versus Bolívia”<sup>16</sup>, Euclides da Cunha fala do tenente Lardner Gibbon, da marinha-de-guerra dos Estados Unidos, que percorrera a região em 1852 e elaborou um dos mapas mais preciosos da época. Refere-se, também, ao “Map Showing the Lands Granted by Spain to Portugal”, feito em 1904 por encomenda do governo norte-americano a Estanislao Zaballes, futuro ministro da Argentina, em plena época das definições fronteiriças entre Brasil, Peru e Bolívia. O “Bolivian Syndicate” ali operava e, naqueles tempos, os Estados Unidos estavam interessados na borracha amazônica para romper o monopólio anglo-holandês no Oriente, no momento em que firmavam as bases da indústria automobilística. Nestas décadas, a fronteira foi agitada pela guerra entre o Peru e a Bolívia, não escondendo o primeiro a desposição em navegar pela bacia amazônica, que lhe daria acesso ao Atlântico<sup>17</sup>.

Seringueiros do Brasil e caucheiros peruanos exploravam a borracha no mesmo território. Os seringueiros, na maioria imigrantes cearenses sob a liderança de Plácido de Castros tiveram um papel importante na criação do estado do Acre. Os episódios foram marcados por confrontos e ameaças que quase culminaram numa guerra entre o Brasil e o Peru. Euclides da Cunha comentou estas tensões no “Peru versus Bolívia”<sup>18</sup>, no “Conflito Inevitável”<sup>19</sup>, no “Contra os Caucheiros”<sup>20</sup> no “Brazileiros”<sup>21</sup>, entre outros.

Mas escreveu também matérias comparativas entre as técnicas de exploração da borracha feitas por brasileiros e as feitas pelos caucheiros. Algumas destas constituem descrição de primeira mão sobre a organização de trabalho num seringal, como “Entre os Seringais”, publicado na revista *Kosmos* de janeiro de 1906. Os textos jornalísticos sobre estas movimentações e atividades formam uma verdadeira “jornalismo amazônico” de Euclides da Cunha. Acoplados ao seu jornalismo internacional dão o quadro incerto do mundo da época, marcado pelos nacionalismos.

\*

O elemento humano habilitado para defender e integrar o território era o sertanejo, enquadrado por Euclides da Cunha, na maioria das vezes, sob o prisma geoestratégico. Desde “A Nossa Vendéia” até as matérias amazônicas, o jornalista sublinhava que só o homem da região poderia defender o meio que o criou e do qual incorporara os atributos. A natureza, “agressiva para os que a desconhecem, é providencial para o sertanejo”, que a atravessa “livre de dificuldades”; o sertanejo “tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona” (Reporta-

<sup>16</sup> Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, 1907.

<sup>17</sup> Ver DONGHI, cap. V.

<sup>18</sup> Ref. Cit.

<sup>19</sup> OESP, 14.05.1904.

<sup>20</sup> OESP, 22.05.1904.

<sup>21</sup> Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, 1907.

gem de 1º de setembro, Canudos). Nos conflitos amazônicos, não esperasse o governo encontrar o inimigo “em tropas alinhadas”, mas uma população de caucheiros entrosada com o espaço; só o seringueiro poderia enfrentá-la, como argumentava no “Contra os Caucheiros”<sup>22</sup>. Do ambiente que o forjou, o sertanejo extraía até uma tecnologia de guerra que superava, de certo modo, o armamento mais moderno. Suas armas “constituem um recurso extraordinário”<sup>23</sup>.

Mas entregue à própria sorte o sertanejo não superava as condições “bárbaras” em que vivia e, antes que preservar a nação, arriscava prejudicá-la. O exército republicano, segundo Euclides da Cunha, marchava para Canudos com uma missão civilizadora. O fogo que consumia a cidadela do Conselheiro era purificador. “Porque”, dizia na reportagem de 15 de agosto, “consideremos o fato sob seu aspecto real - o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita de pátria mal esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido...”

Os modos de integração demográfica e do território implicavam em construir uma infra-estrutura material para promover e ligar de acordo com as particularidades regionais. Parte do jornalismo que Euclides da Cunha escreveu propugnava pela recuperação das áreas afligidas e “à margem da história”, como se lê na série de três artigos intitulada “As Secas do Norte”<sup>24</sup> e no “Olhemos para os Sertões”<sup>25</sup>. Outras matérias e várias reflexões em seus textos referem-se com insistência ao tema.

Para “incorporarmos a nossa história as obscuras sociedades sertanejas” era preciso ligar as regiões. O transporte formava um dos eixos da concepção. Na Amazônia prescindia-se de maiores debates sobre o tipo de sistema. Com adaptações em determinados trechos, a bacia fluvial oferecia naturalmente um meio já consagrado pelo sertanejo, escrevia no “Um Rio Abandonado”<sup>26</sup>.

Em outras regiões, porém, era decisiva a opção entre os sistemas rodoviário e ferroviário. Euclides da Cunha preferia o primeiro, admitindo, no máximo, que eventualmente os trilhos seguissem o traçado das estradas de rodagem. Esta escolha beneficiava o sertanejo. No “Ao Longo de Uma Estrada”<sup>27</sup>, Euclides da Cunha fez um diagnóstico do sistema viário nacional, onde afirmou que a rodovia vai até onde quer e nela pode rodar qualquer tipo de transporte. Já as ferrovias, como a Paulista e a Mogiana, prosseguiu, limitam-se às áreas da lavoura extensiva do café. No *História da Viação Pública do Estado de São Paulo*<sup>28</sup> retomou esta crítica, denunciando os “estirões de latifúndios ladeando os trilhos”.

---

<sup>22</sup> Ref. Cit.

<sup>23</sup> A Nossa Vendéia. II ref. cit.

<sup>24</sup> OESP, 27-30 de out. e 1º de nov. 1900.

<sup>25</sup> Referência cit.

<sup>26</sup> Revista Almanaque Brasileiro. 1908. O mesmo texto recebeu o título Um Rio em Abandono ao ser incluído em Cunha. A Margem da História.

<sup>27</sup> OESP, 18.01.1902.

<sup>28</sup> OESP, 6-7 nov. 1903.

A confluência entre a promoção do sertanejo e os transportes era uma vinculação necessária. Mas, antes de tudo, exprime a influência geoestratégica em Euclides da Cunha. A rodovia era mais suscetível de preservar a integridade da população sertaneja diante da imigração estrangeira. No “Olhemos para os Sertões”<sup>29</sup> o jornalista dizia-se preocupado com um “problema estritamente brasileiro”: a “nossa debilidade étnica ante o incompreensível vigor desdobrado nos últimos tempos pelas nacionalidades”. Indaga se a nacionalidade brasileira, “em plena formação ainda”, poderia resistir à concorrência do imigrante - “temos acaso vitalidade nacional que nos faculte enterrar o estrangeiro neste duelo formidável?”. Diante do imigrante “não será temeridade abrirem-se-lhe, francas, prontamento transpostas pelos wagons ligeiros, as estradas dos sertões, antes que firmemos com as populações rarefeitas que o habitam uma intimidade garantidora dos nossos destinos nacionais?”.

Por outro lado, o binômio sertanejo-transporte remetia ao fortalecimento brasileiro em relação aos países vizinhos. As análises de Euclides da Cunha incidem em três regiões sensíveis: o Nordeste, a Amazônia e a bacia platina. Percebe-se a metáfora geométrica da geopolítica daqueles tempos. A imagem triangular foi particularizada no projeto de transporte desejável para o país. No *História da Viação Pública do Estado de São Paulo*<sup>30</sup> fez uma rara concessão à ferrovia (admissível em certas projeções) e elogiou o plano de André Rebouças, que inscrevia “o Brasil inteiro num triângulo de viação geral”. Previsões, dizia, mostravam que no futuro se poderia instalar uma rede viária que se estendesse por amplas regiões, do istmo do Panamá ao porto de Santos.

A questão dos transportes adquiriu preeminência na análise de Euclides da Cunha sobre a bacia do Prata. No “Ao Longo de Uma Estrada”<sup>31</sup> escreveu que a rodovia “é o melhor meio de nos emanciparmos do Prata nesta fase incandescente da política sul-americana”. A estrada de rodagem, acrescentou, “é um laço de solidariedade prendendo-nos aos patrícios dos sertões e revigorando uma integração étnica”. Para o jornalista a bacia platina era “o Bósforo alongado da América do Sul”, uma conotação de Euclides da Cunha que remetia à disputa expansionista no mar Negro. Com esta concepção, elogiava a Estrada-de-Ferro Noroeste, que, embora ferrovia, teria um traçado que “lançado vigorosamente para Mato Grosso (...) revolucionará muito breve a situação econômica da América do Sul”.

\*

Euclides da Cunha pouco se refere aos direitos civis e políticos que sustentam a cidadania nas nações industriais e democráticas. Não estranhava estes direitos, como o comprova a severa crítica que fez, durante o governo de Floriano Peixoto, àqueles que cogitavam de executar presos políticos e outras medidas similares. Devotou-se porém, à questão social, que, no Brasil, ligava-se à imigração e ao proletariado. Na coluna “Dia-a-Dia”<sup>32</sup> publicou uma

---

<sup>29</sup> Ref. cit.

<sup>30</sup> Ref. cit.

<sup>31</sup> Ref. cit.

<sup>32</sup> Ref. cit.

matéria à propósito do 1º de maio de 1892, reconhecendo a relevância do trabalhador na sociedade industrial, apontando o alcance mundial do operariado e ressaltando a força da greve. O socialismo era “uma idéia vencedora”, mas o jornalista o colocava em paralelo ao evolucionismo de Spencer e a Comte.

Em 1904, no “Um Velho Problema”<sup>33</sup> também em comemoração do 1º de maio, retomou o tema, acrescentando teses da IIa. Internacional e elogiando Karl Marx, não sem um vocabulário cientificista, positivista. As idéias sociais de Euclides da Cunha foram encorajadas em São José do Rio Pardo, quando conviveu com o grupo socialista “Filhos do Trabalho”, no qual estava Francisco Escobar, e que editava o jornal *O Proletário*, no qual Euclides da Cunha colaborou<sup>34</sup>.

Mas o cidadão urbano tinha pouco espaço nas concepções de nacionalidade esposadas por Euclides da Cunha. A industrialização brasileira ainda era muito pequena e frágil para formar um estrato herdeiro da nacionalidade, tal como a concebia. Acima de tudo, os trabalhadores industriais eram compostos por imigrantes europeus. A imigração estrangeira sempre foi um dado novo e problemático, que perturbava a idéia de cultura e a noção nacional de Euclides da Cunha. Dedicou-se ao tema no jornalismo de 1892 e no texto *Nativismo Provisório* (35), este último mais moderado. Enfim, como se viu, Euclides da Cunha preferia fortalecer os “patricios dos sertões” ante as levas imigratórias.

Não seria, pois, destas realidades recentes e distantes dos rincões sertanejos que sairia o “cerne da nacionalidade”. A história contradisse Euclides da Cunha. Mas é fora de dúvida que ele foi um jornalista sintonizado com seu tempo.

## AUTORES E OBRAS CITADOS

ANDRADE, Olímpio de Souza, *História e Interpretação de “Os Sertões”*, São Paulo, Edat, 1960.

AVGHI, Carlos Marcos, *Euclides da Cunha Jornalista*, São Paulo, Tese de Doutorado apresentada à ECA/USP, 1987.

COUTINHO, Afrânio (organizador e diretor). *Euclides da Cunha: Obra Completa*, 2 volumes, Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar Editora, 1966.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da, *Canudos (Diário de Uma Expedição)* com Introdução de Gilberto Freyre, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1939.

\_\_\_\_\_, *Contrastes e Confrontos* (Organizado por José Ferreira Sampaio), com estudo crítico de Araripe Júnior e com “Dominicias”, de João Luso, Rio de Janeiro, Record, 1975.

\_\_\_\_\_, *A Margem da História*, Porto, Livraria Chardron, 1964.

DONGHI, Tulio Halperin, *História da América Latina*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

<sup>33</sup> OESP, 1904.

<sup>34</sup> Veja o material jornalístico em COUTINHO e os comentários e referências em NOBRE, RABELO e ANDRADE.

<sup>35</sup> Incluído em CUNHA, *Contrastes e Confrontos*.

NOBRE, José Freitas, **História da Imprensa em São Paulo**, São Paulo, Importadora Americana, 1950.

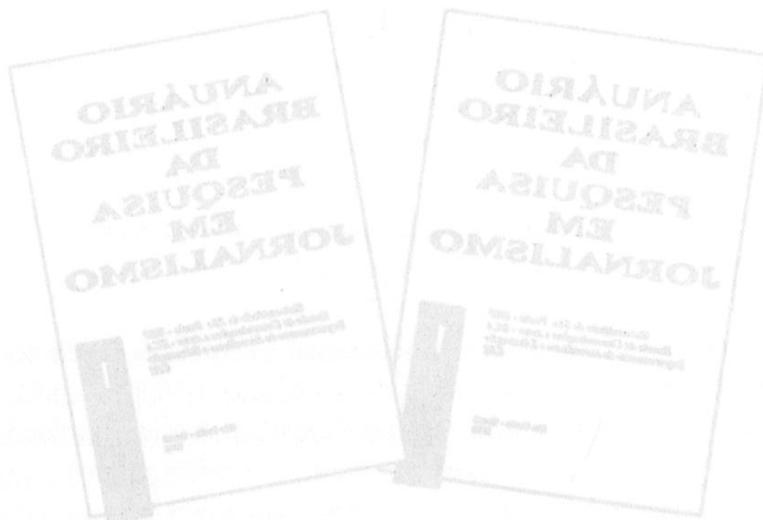
RABELO, Sylvio, **Euclides da Cunha**, Rio de Janeiro, Livraria Casa do Estudante do Brasil, 1948.

REVISTA DO LIVRO, nº 15, setembro de 1959, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.

TOCANTINS, Leandro, **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**, 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1978.

VENÂNCIO FILHO, Francisco, **Euclides da Cunha e seus Amigos**, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

## DA PESQUISA EM JORNALISMO

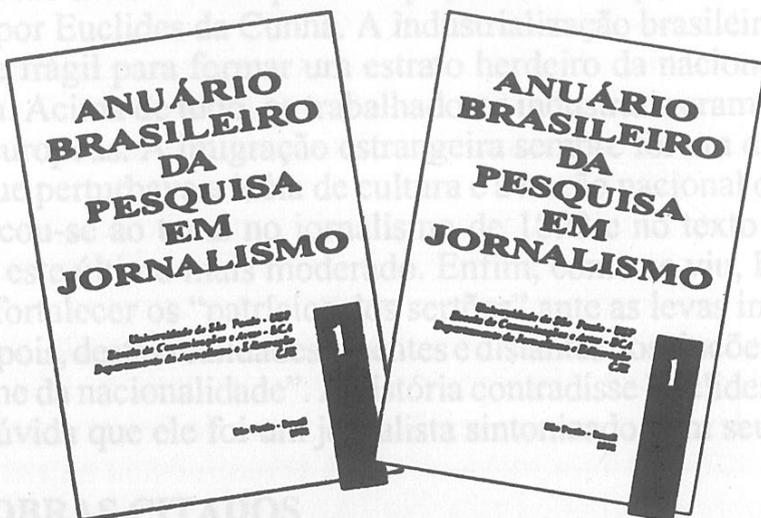


A primeira edição do Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo tem como objetivo de proporcionar ao leitor um panorama geral do jornalismo brasileiro e de suas instituições. Trata-se de um esforço de articulação de pesquisadores de jornalismo e de comunicação social em diálogo com o universo profissional e acadêmico do jornalismo brasileiro no Brasil. Tem por objetivo a disseminação de conhecimentos sobre a história e a atualidade do jornalismo, enquanto atividade profissional e social.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443  
AAC Bôta de Vendas de Pólopes  
Prédio Principal - térreo - Cidade  
Universitária  
CEP: 05508-900 - São Paulo - SP - Brasil  
Telefone: (011) 813-3333 - Anexo 3061

Escolas de Comunicação, Instituições  
nacionais e estrangeiras, professores e  
participantes de jornalismo, que desejam  
adquirir o "Anuário Brasileiro de Pesquisa  
em Jornalismo" deverão para:

## **ANUÁRIO BRASILEIRO DA PESQUISA EM JORNALISMO**



A primeira edição do *Anuário Brasileiro da Pesquisa em Jornalismo* reúne o conjunto de projetos que integram o programa de pesquisa "A práxis jornalística brasileira: impacto das inovações tecnológicas e do paradigma democrático (1945-1995)". Trata-se de um esforço de articulação interdisciplinar do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP em dialogar com o universo profissional e acadêmico sobre o Jornalismo praticado no Brasil. Tem por objetivo a disseminação do conhecimento novo sobre a informação de atualidades produzido pela universidade brasileira e a sedimentação do Jornalismo, enquanto disciplina universitária.

**Escolas de Comunicações, Instituições nacionais e estrangeiras, professores e pesquisadores de jornalismo, que desejam adquirir o "Anuário Brasileiro da Pesquisa em Jornalismo" escrever para:**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443  
A/C Setor de Vendas de Publicações  
Prédio Principal - térreo - Cidade  
Universitária  
CEP: 05508-900 - São Paulo - SP - Brasil  
Telefone: (011) 813-3222 - ramal 2061**